

O Debatte

Orgão do Partido Democrático no Distrito de Aveiro

Publica-se ás quintas-feiras

Redactor principal

Manuel das Neves

Director

José Barata

Redacção e Administração:—Rua dos Mercadores, 6

Editor—José Barata

Composto e impresso na Tipografia «Lusitania»
Rua Direita, 75-B e 75-C—AVEIRO

Eleições administrativas

Aproxima-se a época em que vai travar-se a luta, cujo resultado será a eleição das corporações que em Janeiro de 1923 tomarão aos hombros as gerências municipais e das juntas de freguesia. Facto banal na vida política do Paiz, não seria necessário que a ele se dedicasse um artigo no jornal, se algumas considerações não nos merecesse o assunto.

A experiencia dos ultimos 6 ou 7 annos tem-nos mostrado que os inimigos da Republica, na ancia de dominarem o povo, de lhe incutirem as suas doutrinas, catquisando-o, procuram, por todos os meios, a custa dos maiores esforços e dos mais arduos sacrificios, alcançar o maior numero de camaras e juntas de freguesia de sua votação. E que, para que uma idéa progrida, tenha adeptos nada ha mais util que o contacto intimo dos propagandistas d'ela com as massas populares. E as corporações administrativas, estando sempre em convivio immediato com o povo, são as organizações que mais directamente influem no espirito d'ele, amoldando-o ao seu modo de agir e de pensar.

Assim pensam os monarchicos e, portanto, o seu esforço no sentido de obterem o triumpho eleitoral nas eleições municipais e das juntas, aumenta proporcionalmente ao odio que elles têm á Republica, em cuja derrota elles sonham.

Os inimigos da Republica sabem muito bem que, se as corporações administrativas têm hoje uma certa autonomia e independencia que lhes era vedada no tempo da monarchia, isso tudo se deve ao actual regimen que tende á descentralisação de poderes e funções, em harmonia com o progresso das modernas idéas sociais, enquanto que, no antigo regimen deposedo que elles defendem—embora sem convicções—prevaleceu sempre, como prevaleceria, agora ainda, se a ele voltássemos, a centralisação de poderes e funções, em harmonia com os interesses e vaidades de uma classe—a classe dos nobres e dos ricos—que nunca permitiu ao povo a liberdade de intervir na administração do Estado, privando-o de tomar conta nos destinos da Nação.

Recorda-nos ainda como eram constituídas, no tempo da monarchia, as camaras e juntas de parochia. Para as camaras, por exemplo, os politicos dominantes—sem nenhuma satisfação darem aos electores—escolhiam, de entre elles, para presidente, um que fosse, pelo menos, de mediana intelligencia, sendo os restantes vereadores recrutados entre os

homens ricos do concelho, os quaes deveriam satisfazer ás condições de serem mais ignorantes e mais pobres de intelligencia que o presidente, para que todas as operações municipaes girassem á roda d'ele, que era o fulcro, o ponto de apoio e centro de convergencia e atração.

Era esta a norma seguida e se uma vez ou outra, já nos ultimos tenpos do antigo regimen, apparecia, principalmente nas vereações cidadinas, um ou outro vereador da competencia do presidente, era isso manhozisse que eles deram em seguir para se pouparem aos reparos do povo que começava a ver e a protestar contra os monopolistas concelhios.

O povo, esse, concorria ás urnas sem, se quer, perguntar pela qualidade de intelligencia que ia eleger.

Agora, os monarchicos, na propagação a favor da sua causa, attribuem todos os males, de que sofre o Paiz, ao actual regimen, occultando, malevolamente ao povo, as verdadeiras causas d'esses males, como tenha sido a grande guerra, que, pelo grande desequilibrio financeiro, e economico que produziu, veio perturbar, ao extremo, a vida nacional: e como seja, principalmente, o sentimento ganancioso que se apoderou, sobretudo, do commercio, que é insaciavel na sua ardente sede de fabulosos lucros.

E' necessario que os republicanos oponham á propaganda monarchica, baseada em principios falsos, a propaganda sã e nobre da verdade—a propaganda republicana—baseada na razão e no direito que são os principios que erguem e dão nobreza a todas as causas.

Necessitam os republicanos de montar a maquina eleitoral, mas cujo productor da energia não seja o caciquismo baixo, a galopinagem vil, especie de enxurro que a monarchia nos legasse. Não. A maquina eleitoral republicana deve ter, como geradores de energia, elementos fortes e resistentes que produzam a acção demolidora da idéa monarchica, mas elementos que sejam os principios bem definidos da verdade e da moralidade.

E' necessario que os republicanos façam uma propaganda energica, tenaz e bem orientada, destruindo com a arma invencivel da verdade e da moralidade as mentiras e calunias dos inimigos da Republica para conseguirmos o maior numero possivel de corporações administrativas, animadas do espirito democratico.

Antonio d'Oliveira

De Palanque

Ajuste de contas com Homem Cristo

Cá o temos! Tinha de ser, estava escrito no livro do Destino que o grande e benemerito cidadão que se chama Francisco Manuel Homem Cristo, o intemerato jornalista e o vigoroso panfletario viria um dia, preso pelas orelhas, a esta secção De Palanque num ajuste de contas que seria para ele uma eterna e triste recordação e para mim um alivio e um consolo. Cá o temos!

Os Gollas, gigantes e formidaveis de poder e força, morrem por vezes das mãos fracas de Davids corajosos. Este homem tem passado a sua vida a cobrir de insultos as pessoas de bem e as pessoas sem vergonha, os bons e os maus, os justos e os injustos, os orgulhosos e os tímidos, os republicanos e os monarchicos, os portugueses e os estrangeiros, onde por vezes arde a lenha reconfortante da amizade, interroga e espreita a ver se consegue descortinar por entre as lagrimas da fome e do infortunio um insulto ou uma mancha, um segredo ou uma traição. E' em nome de Deus que e em nome da Justiça? Mente e calunia, desfigurando os valores reais das consciencias.

Quem ha em Portugal que se evidencia, ou seja no campo da politica ou seja na esfera da sciencia, que não tenha merecido deste homem uma censura, uma grosseria, um insulto, um enxovalho, uma pedrada?

Intelligencias? Nenhuma existe, á não ser a intelligencia privilegiada de Homem Cristo. Lealdade? Quem dela se pode orgulhar e consolar sendo este homem que em toda a sua vida de jornalista nada mais tem feito do que traír o ideal, o amigo, o vizinho, o patriota?

Amor da Patria? Oh! o amor da Patria, esse elevado e nobre sentimento, quem o poderia apregoar e cantar sendo Homem Cristo que em toda a sua vida de homem tem vendido a consciencia, o melhor elemento para se poder ter amor á terra onde se nasceu e onde se vive?

Jornalistas? Quem ha por aí que possa ser considerado jornalista a não ser Homem Cristo que vende miseravelmente as palavras do seu jornal como quem vende na Feira da Ladra os ferrugentos objectos dum brilho apagado?

Bondades? Onde vivem as almas delicadas e enternecidas que com o seu lume possam crepillar á roda do infortunio e da miseria?

Só uma bondade existe, é a de Homem Cristo que devisa a vida intima das pessoas, que espreita nos lares, que calunia esposas e mães, que atraição o segredo sagrado do amigo e afuga com hipocrisia e traicão a pessoa humilde que carinhosamente se lhe acerca.

Bandido! Miseravel bandido que é bem mais bandido do que o ladrão que na estrada, pela calada da noite e de bacamarte aperrado, grita pela bolsa ou pela vida!

Traidor! Miseravel traidor que renegaste a palavra de honra, fazendo do teu ideal do 1.º de Janeiro a coisa

vil e desgraçada! Este homem é um traidor e os traidores enforcam-se.

Quando no Porto os republicanos visionarios e sonhadores guardavam no fundo das suas almas e no recolhimento espirital dos seus corações a idéa santa da Revolução, Homem Cristo, mais garoto dos que os garotos esfomeados das esquinas das ruas, denuncia a policia e ao governo do paiz os loucos e generosos sonhadores de um ideal que era para as suas almas a razão de ser da sua vida.

Homem Cristo traidor seria enforcado num paiz em que o culto da lealdade e da honra merecessem o respeito dos homens.

Covarde! Miseravel e desgraçado covarde que apparentes de forte e de temerario

Insulta e difama por amor ao insulto e por amor ao dinheiro. E' que Homem Cristo tem a alma danada dos carrascos e dos injustos.

Sim, por que o sentimento da justiça não é inconciliavel com o amor da bondade. Quantas vezes a razão se afoga no pranto, e quantas vezes a vara da justiça se dobra com o peso da misericórdia?

Se eu amanhã, por exemplo, tiver a meu lado, no lar, uma Esposa que seja um fermento de discordia e de desarmonia, calarei a minha dor e sofrerei a desgraça do infortunio no recolhimento da minha vida. Não a denuncio aos olhos maus do mundo, nem a maltrato com o suplemento das ofensas. Bem basta á desditosa a pena do suplicio intimo.

Se a Providencia me der um filho este filho é bem do meu sangue e da minha carne. Se a sua desordenada mocidade o conduzir á tristeza de um mau caminho, não será o Pal o carrasco das suas levandades e das suas fraquezas, o carrasco que levante diante da multidão sedenta de escandalos o madeiro do suplicio.

Mas Homem Cristo, por amor diabolico ao escandalo, cobre de injurias, das mesmas injurias, tanto o homem que é generoso e bom como o homem que é injusto e mau.

Para o suplicio faz entrar em acção todos os pãos nodosos arrancados ás arvores, todas as pedras apanhadas na rua escura e suspeita e todas as palavras de odio extrahidas de uma alma de bandido de estrada.

E' tão barbaro, tão continuo, tão constante o apedrejar deste carrasco, que muitas vezes uma revolta levanta o espirito do leitor, uma revolta fundada e irresistivel que só a compaixão a não deixa caminhar.

A revolta é justa e a compaixão necessaria. Não haverd homens de bem em Portugal? Nenhuma consciencia limpa e honrada?

Nenhum nome que brilhe por entre a miseria de alguns e os crimes de tantos?

Nenhuma boa idéa a viver nos carações dos politicos?

Quem, amanhã, quizesse fazer a historia através dos jornais de Homem Cristo teria de concluir que Portugal é uma patria moribunda, sem honra que brilhe e sem nomes de bem que nobilitem!

Tudo é mau, tudo é ladrão, tudo é bandido na boca deste miseravel que é o peor dos maus, a sintese mais perfeita dos ladrões da moralidade, o maior dos bandidos.

E's amigo que fazes côro com a lisonja do medroso e do covarde? Tens a paga: meia duzia de palavras de aplauso e simpatia e lá segue o cortejo dos aduladores.

E's politico que pedes venda a Homem Cristo para traçares um plano ou redigires um projecto? Tens a paga: meia duzia de linhas laudatorias e lá segue o cortejo dos humildes e dos medrosos.

E's jornalista que vendes a tua pena para satisfazeres a sua vaidade?

Terás a recompensa: meia duzia de elogios á honestidade da tua pena de jornalista e lá vai seguindo o cortejo dos mediocres.

Não és amigo lisonjeiro, nem politico rastejante, nem jornalista vendido e corrupto?

Has-de ter a recompensa do teu desassombro: serás pulha, traidor, bandido e ladrão!

Mas Homem Cristo não injuria apenas pelo prazer diabolico do escandalo. Difama o amigo, o parente, o vizinho, o patriota por amor ao dinheiro. A redacção do seu jornal é um balcão de compra e venda. Quer dinheiro, o patife, e como sabe que o escandalo, a intriga e o insulto servem de pasto a tantas e tantas pessoas do nosso paiz, vá de transformar o jornal num vasadoiro de md nota que, é o mesmo que transformar em dinheiro esse inveterado desejo de saborear a intriga e a difamação. Cada palavra do jornal de H. C. é vendida.

Este estafermo recebe cartas em que se lhe pede uma «tarefa» a este ou aquele individuo e se reclama a remessa de uns quantos numeros de «O de Aveiro»!

E' isto servir a lei da Imprensa? E' isto servir com honra e dignidade, ainda que com fome e com tristeza, o ideal que deve viver e brilhar nas colunas de um jornal?

Não, não, isto é apenas—diga-se o verdadeiro nome desta ignominia—é desonrar o nome e atralho, sem vergonha e sem prudencia, para o lodaçal das coisas mortas e sem nome.

João de Deus, que não foi apenas um delicioso poeta de amor mas também um endiabrado poeta satirico, escreveu de proposito para este corrupto as manhas desse perigoso seductor:

O Dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!

E vem ao mundo um homem destes com o nome de Cristo, des-se Cristo que foi um edificante exemplo de renuncia ao dinheiro e á opulencia!

O que aí fica, leitores, é o principio dum ajuste de contas. A classe politica activa entre na politica republicana de Aveiro, Homem Cristo, em meia duzia de numeros do

seu jornal, como que em ar de com-
seração chamou-me botão de rosa e
sidonista.

Não lhe levei a mal o ter incluído
o meu nome entre o numero dos ado-
radores de Sidonio Pais.

Era mentira e era uma infamia.
Retratou-se depois. Bem sabia ele por
informações dos que de perto consigo
conviviam que a minha vida politica
se resumia, afinal, na minha vida
academica e que durante esta vida tu-
tei e sofri pela Republica!

Bem sabia ele que em Coimbra fui
labareda por amor da Republica e
que o meu nome brilhou no meio de
tantos outros nomes que, em face da
reacção da Universidade, com coeren-
cia e com fé davam as suas almas
com toda a sua pureza em favor do
ideal que as animava!

Mas botão de rosa!
Espera pelo perfume deste botão
de rosa! Nem tudo são lisonjas neste
paiz, nem tudo é perfume em tantas
rosas que desabrocham ao calor da
moedade!

Contaste um dia que te visites em
tua casa e que me servia a esperança
de ser aqui o teu melhor delegado.

Esta já vai longa e eu estou resol-
vido a comentar a tua vida de homem
e de jornalista.

A celebre entrevista a que fizeste
referencia constitue uma página inte-
ressante da minha vida e ela aqui se-
rá relatada, com fidelidade para se
ver que Homem Cristo pretendia, lou-
vando e apreciando as minhas quali-
dades de intelligencia e de organisador,
conquistar a minha simpatia e o meu
concurso para uma obra de regenera-
ção educativa, fóra da politica e dos
politicos.

Espera pelo perfume deste botão
de rosa!

Has-de vir aqui miserável, preso
pelas orelhas, a estaseação De Palan-
que e cobrir a tua cara da miseria
da tua obra e chafurdar, finalmente,
na lama dos teus insultos!

Espera pelo perfume deste botão
de rosa!

Eu poderia tratar este bandido com
palavras de humanidade e de compas-
são. Os leitores de O Debate vão, de-
certo, admirar-se da minha linguagem.
Não lhe falta serenidade, creiam; mas
reção que constituem a norma do jor-
nal.

Com lava calçada, porém, não se
aguenta tão bem o chicote. E só com
chicote se pode bater neste bandido.

José Barata.

ESTE NUMERO D'O DEBATE...

Vae ser enviado ao sr.
Francisco Manuel Homem
Cristo, director de «O de
Aveiro».

Ficam assim avisados os
presurosos e benemeritos
informadores, a quem de-
sejamos poupar o delicado
serviço da remessa do jor-
nal.

Concurso de Mergulhos

DOMINGO, 27, PELA MANHÃ

Os concorrentes, terão de
executar os seguintes saltos,
de cima do parapeto da pon-
te de S. Roque.

- a) Salto ordinario.
- q) Salto de anjo

Do cais

- c) Salto mortal para traz
- d) Salto mortal para a fren-
te com corrida
- e) Salto de peixe (barreira)
- f) Salto á escolha.

A classificação será feita
por adição de pontos.

As grandes Iniciativas

E se fôsse possível organizar em Aveiro um grande orfeón?

Os tempos que passam de-
vem ser de grandes e belos
renascimentos intellectuais,
moraes e artisticos.

Só as grandes iniciativas
libertam os povos. Caminhar
para o futuro com afirmações
de vitalidade é procurar atin-
gir para os individuos e para
as raças o logar que lhes de-
ve competir no concerto da
civilisação!

Entre as grandes iniciati-
vas que honram quem as
promove e que tanto contri-
buem para o renascimento
dos povos, os orfeóns ocu-
pam um dos primeiros loga-
res.

O espirito de respeito, de
solidariedade, de educação e
de unidade é desenvolvido
nos orfeóns.

Nos orfeóns reúnem-se e
cantam individuos de todas
as confissões religiosas e de
todos os credos politicos.
Dentro destas confrarias de-
saparecem as castas, as dife-
renças de fortuna e as opi-
niões individuais: só o grupo
vive, apenas o côro existe.
Os orfeóns são raros em Por-
tugal.

O orfeón de João Arroio, o
de Antonio Joyce, o operario
de Lisboa, o actual de Coim-
bra dirigido por Elias de
Aguiar, o de Condeixa orga-
nizado pelo Dr. João Antu-
nes, são instituições que a
custo foram florescendo.

Dura lex, sed lex

O nosso paiz foi e será sem-
pre uma nação fértil em idealis-
mo pela doutorisse de muitos
dos seus homens, por se julgarem
sabios e profundos em conheci-
mentos, interpretando pelo seu
vagar tudo a seu belo prazer,
cometendo asneiras e disparates
a esmo, contanto que a sua opi-
nião prevaleça, sem consultarem
ninguem, terminando pela sacra-
mental frase do arrôcho, de que-
ro, posso e mando. Ora querem
observar de como uma ironia
interpretação vai dar logar ao
aumento da criminalidade?

Sempre, em todos os tempos,
não foi necessario licenciar
para se poder vender cartuchos
vazios para armas caçadeiras.

Pois este ano, mercê de uma
alta mentalidade encoberta, é
preciso adquirir-a, porque sem
ela o transgressor é multado.

Querem ver o resultado?

Como a licença a conceder ao
abrigo da portaria de 28 de
Março de 1908 e decreto n.º
3703 de 24 de dezembro de 1917
dá plenos poderes de venda,
ahi temos nós os individuos ha-
bilitados com essa licença a ven-
der armas brancas e de fogo,
com todos os seus pertences,
para assim vir aumentar mais o
crime já de si pavoroso, em vir-
tude da sua mais facil venda,
facultada por essa forçada exi-
gencia, que no fundo só traduz
uns miseros escudos a favor do
Estado, em prejuizo de muitas
desgraças que fatalmente se dão.

Mas venceu quem manda e
interpretou a lei, a dura lex, sed
lex, e irado e não fecundo, amea-
çou por intermedio dos seus su-
bordonnés, a terra, o mar e o
mundo... e as batatas.

Já dizia o profeta:—Tem que ser.
Por isso cumpram-se os fados.
MAX

No estrangeiro, as socieda-
des corais adquirem um ca-
racter de instituições queri-
das e amadas pelos governos
e pelo povo.

A Inglaterra cultiva o canto
coral nos templos cristãos e
sinagogas. Na Austria Hun-
gria só Viena possui 266 so-
ciedades corais; a Belgica,
692; a Suíça, 438 e a Italia,
65.

Na Catalunna apresentou-se
uma sociedade orfeónica
com 10.000 cantores!

Para a grande obra de
unidade espiritual e moral
que regenerará a raça portu-
guesa, devem criar-se pelas
terras do paiz sociedades corais.

Aveiro pode ter o seu or-
feón. Aveiro é das terras do
paiz onde a musica e o can-
to vivem na alma da popula-
ção.

Não é empresa que de-
mande esforços invencíveis.
Boa vontade e iniciativa.

Bons desejos de prestigiar
cada vez mais o nome da ci-
dade.

Todos devem acarinhar
esta ideia e assim todos co-
laboram na grande obra de
unidade moral que deve ser
o primeiro elemento de vida
e progresso de uma terra.

Organizar em Aveiro um grande
orfeón?

Estradas

Na Estrada distrital n.º 66,
o troço de Estarreja—Parde-
lhas, encontra-se verdadeira-
mente intransitavel. E' abso-
lutamente urgente que se fa-
ça uma reparação neste tro-
ço, satisfazendo assim os
desejos dos habitantes da
Murtosa, que tanto se têm
sacrificado pela Republica.

Entre Vagos e Sôza, a
ponte sobre o rio encontra-
se num péssimo estado de
conservação, o que represen-
ta um grave perigo que a
dircção das Obras Publicas
deve sem demora remediar.

Excursão á Curia

O Recreio Artístico pro-
move no dia 10 de setembro
uma visita ás termas da Cu-
ria, encontrando-se a inscri-
ção aberta na sede daquela
simpatica Sociedade Recrea-
tiva.

Organizar-se-ha na Ala-
meda um interessante baile
campestre.

Adesões

Aderiram ao Partido Re-
publicano Português os srs.
Inocencio da Costa Freitas e
Francisco Martins Barbosa,
proprietarios, de Barcouço
(Pampilhosa do Botão), a
quem apresentamos as nos-
sas melhores saudações.

Afirmações concretas

As Comissões Politicas do Partido
Republicano Português de Aveiro,
reunidas expressamente para apre-
ciarem uma local inserta em O de
Aveiro, em que os membros das co-
missões são considerados como puthas
e ladrões, resolvem afirmar ao publi-
co o seguinte e que é a expressão da
verdade.

1.º—Quando reuniram para tratar
do caso da sindicancia a Marques
Gomes, como director do Museu Re-
gional, foi para negarem a sua soli-
diedade a um homem e a um fun-
cionario sobre o qual recaem tão
graves suspeitas.

2.º—Que esta reunião era indis-
pensavel e necessaria por se afirmar
publicamente que o Partido Republi-
cano, Português de Aveiro protegia
Marques Gomes.

**AO DIRECTOR DE «O DE
AVEIRO» AS COMISSÕES
POLITICAS PEDEM PARA
QUE NO PROXIMO NUMERO
DO SEU JORNAL, DEPOIS
DAS AFIRMAÇÕES AQUI
FEITAS, DESMINTA OU
MANTENHA A GRAVE ACU-
SAÇÃO QUE LHE FOI FEITA.**

Os membros
das Comissões Politi-
cas do P. R. P.
de Aveiro

- José Barata (Presidente)
Professor do Liceu
- José Pinheiro Palpista
Industrial
- Antonio Villar
Negociante
- João Domingos dos Reis Junior
Farmaceutico
- Manuel Barreiros da Maceda
Industrial
- Antonio da Cruz Beal
Industrial
- Francisco Duarte
Mestre de obras
- (Negociante)

Manuel Lopes da Silva Guimã-
rões

- (Comerciante)
- Ricardo Mendes da Costa
(Comerciante)
- Eduardo Pinho das Neves
(Negociante)

Colégio Portuguez

Chamamos a atenção dos
nossos leitores para o anu-
ncio que noutro lugar publi-
camos sobre o «Colégio Por-
tuguez», que vem evidencian-
do um lugar de destaque en-
tre os colégios de educação
para meninas.

Autoridades

Foi nomeado administra-
dor interino do concelho de
Oliveira de Azemeis o nosso
presado amigo, sr. dr. Basilio
Lopes Pereira, advogado e
notario naquela comarca, e
dedicado republicano.

Felicitamos o concelho de
Oliveira de Azemeis por ter
a dirigi-lo um espirito tão
culto e de tão nobres tradi-
ções republicanas.

GAZETILHA

Por ter sido agraciado, o
Senhor Dr. Magalhães,
Aceite os meus parabens.
Dever a que não resisto.
Fez-lhe o governo justiça,
Embora d'isso não goste
A «Madurissima» hoste
Chefiada pelo Cristo

Velhaca insinuação que ninguem po- de provar

A nota officiosa que as Comissões
politicas do Partido Democratico pu-
blicaram no ultimo numero deste
jornal sobre a sindicancia a Marques
Gomes foi muito comentada nesta
cidade. Ha hora do jornal entrar pa-
ra a maquina, chega-me a informa-
ção de que se levantam dúvidas
quanto á leal intenção que presidiu
á elaboração desta nota.

Algumas pessoas pensam que eu
foi elaborada com o propósito de es-
tudar os meus correligionarios, por
haver recebido pedidos para oriantar
uma defesa em favor do sindicado.
Só sei acusar sem mascara, como só
sei defender com altivez e liberdade.
Aqueles que por espirito de intri-
ga ou por faciosismo politico enge-
dram contra mim calúnias, eu saberei
responder no campo que mais con-
vier á minha dignidade de ho-
mem.

Aqueles que, por sugestões ou por
erradas informações de interessados
em baralhar e confundir ideias, meus
correligionarios ou meus adversarios,
duvidarem da intenção com que foi
redigida a nota officiosa, eu devo de-
clarar o seguinte:

1.º—E' absolutamente falso que
tenha recebido pedidos de altas in-
dividualidades para oriantar uma de-
fesa em favor de Marques Gomes.

2.º—Mantenho as afirmações que
a muitas pessoas fiz sobre a incon-
veniencia e indignidade de se proferir
um somem sobre quem recaem
gravissimas acusações.

3.º—Emquanto eu dirigir effecti-
vamente «O Debate», orgão dum
Partido dentro dum districto, não
permitirei que se publique uma pa-
lavra de desfa.

4.º—Sem junto de sindicancia, nem
junto de qualquer entidade officia-
l ou particular quiz intervir com qual-
quer palavras de suggestão para uma
justiça rigorosa ou benevolente.

5.º—Que as provas documentadas
ou as afirmações verbales do sindi-
cante ou doutra qualquer individuali-
dade serão o melhor elemento de
prova que eu reclamo para á luz da
publicidade.

6.º—Sem querer pôr em duvida a
honestidade do sindicante, lamento
e protesto contra o facto de vir para
Aveiro, syndicar dum facto tão grave,
e conviver, logo no começo de seu
trabalho, com Homem Cristo que le-
vantou a campanha contra o acu-
sado.

Entendia que os sindicantes não
tinham amigos com as pessoas que
publicamente lançavam a humilhação
a acusação de «ladrão». Seria uma
imprudencia? Seria, mas ella é cen-
suravel.

7.º—Nada tenho com as opiniões
dos outros, porque só sou escravo da
minha consciencia. Nem sirvo para
lacaie, nem me amedrentam as som-
bras!

JOSÉ BARATA

Elogio do Silencio

No «Elogio do Silencio»,
do nosso distincto colabora-
dor João Lino, escaparam al-
gumas gralhas. Impossivel
rectifica-las todas.

Necessario é, porém, referir
que na 32.ª linha deve
ler-se:

«E quando algum encanto
encontramos numa obra nos-
sa, esse encanto não existe...»

Excursão de Coimbra

Informam de Coimbra que
que talvez se realize no dia
8 de outubro uma excursão
a esta cidade afim de a feli-
citar pela sua brilhante coo-
peração em ceramica na ex-
posição artistica do Congrés-
so beirão.

O Partido Democrático e a homenagem ao director d' "O Debate,"

Da Comissão Política de Espinho

A Comissão Municipal Política da minha presidência, a quem foi presente o vosso offício-circular e em que essa Comissão manifesta o desejo de que se preste uma homenagem de solidariedade ao Ex.^{ma} Dr. José Barata, cumpre-me o grato dever de informar V. Ex.^{ma} que unanimemente foi resolvido dar todo o apoio a tão justa homenagem, a quem tão dignamente tem sabido interpretar o sentir de todos os correligionários do nosso distrito, a par dum trabalho extenuante, mas sempre bem orientado.

Por tudo isto pôde V. Ex.^{ma} contar com as comissões Políticas deste concelho:

Saúde e Fraternidade

Espinho, 12 de Agosto de 1922.

O Presidente

Antonio d'Oliveira Salvador Junior

Da Comissão Política da Mealhada

Comunico a V. Ex.^{ma} em resposta ao vosso officio, hontem recebido, referente á homenagem a prestar ao nosso eminente correligionario, Dr. José Barata, que esta comissão está inteiramente ao lado da vossa em tudo que se ligue com qualquer manifestação e solidariedade a prestar áquelle nosso illustre correligionario.

Tambem esta Comissão vac convocar as Paroquias do Concelho, para tratar do mesmo assunto, e quasi que posso garantir que todas estão de acôrdo neste sentido. Saúde e Fraternidade.

Mealhada, 29 de Julho de 1922

Pela Comissão — O Vice-Presidente

Antonio Augusto Marques

Da Comissão Paroquial politica de Albergaria.

Em nome da Comissão Paroquial

Política do Partido R. P. desta freguesia me solidariso á manifestação de solidariedade ao grande apostolo do nosso glorioso partido Ex.^{ma} Sr. Dr. José Barata. Protestando energicamente contra a vil campanha que falsos republicanos lhe vem movendo. Saúde e Fraternidade.

O Presidente,

Fernando Tavares Tinoco

O sr. dr. José Barata, esclarecido professor do liceu de Aveiro e presidente da Federação Municipal do circulo de Aveiro, tem sido um trabalhador incansavel, de rara persistencia para a organização do partido republicano daquele circulo onde o famigerado regionalismo abriu funda brecha, julgando-o já morto para futuras lutas.

Tem por isso o joven quanto talentoso jornalista republicano, que foi a alma do Congresso distrital, sido alvo da mais injusta das campanhas por parte daqueles jornais que apelar de mentirosamente se dizem ainda republicanos, de facto apenas servem a causa monarchica, difamando e injuriando todos quantos melhor podem servir o P. R. P. e a Republica.

O sr. dr. José Barata, depois doutros homens publicos, tem sido ultimamente o alvo das campanhas caluniosas dessa imprensa.

A Comissão Municipal Política de Oliveira do Bairro na manifestação de solidariedade que promoveu a S. Ex.^{ma} foi apoiada por todas as Comissões Políticas do Distrito.

A ela nos associamos tambem.

D'«O Despertar», de Pinheiro da Bemposta.

O illustre Ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. dr. Barbosa de Magalhães, escreveu uma carta ao sr. Dr. José Barata, associando-se jubilosamente ás homenagens que o Partido R. Português do distrito lhe está promovendo.

Block-Notes

—Realizou-se na passada segunda-feira, na capela de S. Miguel de Ovar, o enlace matrimonial da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Marques da Silva Brandão, senhora de excelentes prendas de coração, com o nosso querido amigo José Cardoso Pinto Queimada, coronel comandante de infantaria n.^o 24, muito querido e estimado por todos os habitantes da cidade que nelle vêm reunidas as melhores qualidades que distinguem o homem na sociedade. Poa parte da noiva, parainfaram seus tios, o nosso estimado amigo Francisco Marques da Silva, escrivão de direito, e sua Ex.^a Esposa.

Por parte do noivo, parainfaram o sr. Francisco Augusto Marques da Silva, importante capitalista e proprietario do Rio de Janeiro e Ex.^a Esposa.

Realizou-se o enlace matrimonial do nosso querido amigo Jaime Vieira de Carvalho, digno professor do ensino primário na escola de Oliveirinha, com a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Rebelo, senhora dotada das melhores qualidades de coração e de espirito.

As nossas felicitações. —Para Lisboa partiram os nossos prezados assinantes srs. Silvestre da Cunha, Lucio Santos, Adelino Moreira, Manoel de Pinho, Antonio Vieira Albino Rocha e Acacio Seabra, todos de Eixo.

—Cumprimentamos nesta cidade os nossos prezados amigos e assinantes srs. Felizardo Simão, chefe da alfandega da Figueira da Foz, Carlos Mourisca, de Albergaria, Joaquim Ribeiro de Matos, de Pinheiro (S. João de Loure), Antonio Ramalheira, de Ilhavo, dr. Fausto Braz Rodrigues, de Barcouço, Drs. Antero S. Araujo e Daniel de Almeida, de Sever do Vouga, dr. Antonio Torres de Oliveira de Frades, dr. Manuel Gonçalves, de Eixo, Capitão Rodrigues Leite e dr. Lopes Fidalgo, de Ovar; dr. Anibal Belezza, de Oliveira de Azemeis.

—Partiu para Vagos com sua ex.^{ma} esposa e filhos o nosso prezado amigo, sr. João de Moraes Sarmento.

—Encontra-se em vilegiatura na Louzan, com sua ex.^{ma} Familia o nosso prezado amigo e assinante sr. Agostinho de Souza, professor da Escola P. Superior.

—Retirou para Ponta Delgada (Açores) o nosso prezado amigo e assinante, sr. Luiz de Moraes Sarmento, escrivão de direito.

—Encontra-se em Angeja o nosso querido amigo e assinante sr. padre Manuel Rodrigues Vieira, professor do liceu.

—Encontra-se no Porto, fazendo serviço de exames no Liceu Rodrigues de Freitas, o nosso dedicado amigo e colaborador, sr. dr. José Pereira Tavares.

—Regressou do Porto o sr. Faustino d'Andrade, digno commissario de Policia e administrador do concelho de Aveiro.

—Na Praia do Furadouro encontra-se com sua ex.^{ma} Familia o nosso prezado amigo, sr. Lino Marques, chefe de secção da direcção de finanças de Aveiro.

—Encontra-se na Barra, de visita á sua familia, o nosso amigo sr. José Rabumba, patrão salva vidas Leixões, a quem o governo pelos seus feitos concede o colar de Torre e Espada.

Liceu Vasco da Gama

Foi aprovado na C. Deputados projecto que autorisa uma segunda época de exames para os alunos do ensino secundario. Publicamos as principaes disposições:

E' concedida uma segunda época de exames, em Outubro aos alunos de ensino secundario e que tenham desistido na primeira época ou nesta tenham sido reprovados e para os que não tenham podido requerer exames dentro do praso fixado para a primeira época, ou por qualquer razão não tenham concluido as provas de exame na época de julho.

O praso para a entrega dos requerimentos vai de 1 a 10 de Setembro.

Cronica Sportiva

AS CORRIDAS da NATAÇÃO de DOMINGO PASSADO

Realizaram-se domingo 20 as annunciadas provas de natação ao longo do cais das Piramides, com uma assistencia que reputamos numerosa.

Já ha muitos anos que os aveirenses não presenciavam uma corrida de natação, sport que nestes ultimos tempos tanto se tem desenvolvido noutras terras de Portugal.

Abalancei-me a realizar o «campeonato da cidade» porque sendo Aveiro a minha terra e possuindo como em parte alguma um recinto excelente para as provas de natação, os nadadores que aqui viessem concorrer aos campeonatos nacionais que se hão-de realizar brevemente, não podessem afirmar, dum observação vaga e transcendente que por força hão-de fazer, que os rapazes de Aveiro, tendo uma optima ria para nadar, preferem jogar o foot-ball num campo que não é bom, ou, peor ainda, perder o melhor das suas horas vagas a crear preguiça, indolencia e tantos outros defeitos no bisbilhoteiro «troitoir» dos Arcos.

Se a festa de domingo não teve o brilhantismo daquelas que eu vi em criança e evoco hoje com saudade e de que foram a alma o desditoso João Mendonça e meu Pae, já hoje afastado das lides sportivas por desgostos que começou a receber em Aveiro após a sua chegada do Rio de Janeiro em 1913, «malgré tout» sinto-me satisfeito por ter contribuido com o meu pequeno esforço para o renascimento dum ramo de sport que tem em Aveiro condições de vida como em mais nenhuma terra de Portugal.

A parte a honra que todos os membros do jurí me dispensaram, accedendo sem reservas a para os logares que os convidei, o que registo com prazer e muito obrigado, eu não tive colaboradores na organização das corridas, que algum trabalho me deram. Dos louvores e das palavras de incitamento que recebi por tudo isto devo registar esta fraze que só tem a commentar-la as lagrimas que me saltaram aos olhos: Quando eu perdi a corrida de 100 metros alguém do cais blasfemou: «bem feito perderam os filhos de Mario Duarte».

A minha educação forte de homem sportivo só me leva a vir declarar publicamente que eu não fiz as corridas para a familia. Eu só quiz com a realização destas provas, fazer renascer o gosto pela natação como já o fiz para o foot-ball, trazendo a Aveiro o 1.^o grupo dos Belesenses em 1 de Novembro de 1921 e realizando com os «Galitos» um desafio.

Deste jogo veio a resultar mais tarde o «Campeonato de foot-ball da Cidade por iniciativa do Club dos Galitos que, por ser o club que mais trabalhou para a realização de tal prova, foi tambem o que mais desgostos sofreu. Em Aveiro é sempre assim...

Outros louvores identicos mas peores recebi do povo da minha querida terra.

Foram estas bofetadas, senão, a, que afastaram meu Pae e outros do meio sportivo aveirense, e eu, as começo a receber cedo, não tardarei talvez a seguir-lhe o exemplo.

Por agora hei-de continuar. Domingo lá nos vereis outra vez no concurso de mergulhos que aido a organizar, prova nova e curiosa que pela primeira vez se realiza em Aveiro e que por ser interessante, deve agradar.

Deve confessar que nas corridas de domingo nos appareceram verdadeiras revelações: Firmino da Naia mostrou-se um corredor de fundo de qualidades apreciaveis; o filhito de Abel Costa, apesar dos seus 15 anos, teve as honras da tarde conseguindo cortar a meta, em aguas mais dificeis, a meio metro de Firmino. Joaquim Gonçalves e Manuel Florim apesar de pouco treinados mostraram-se de muito folego.

Peixoto nos 100 metros apesar de ter chegado em 4.^o logar nadou num estilo muito correcto.

Estou satisfeito por reconhecer nestes rapazes nadadores que bem preparados podem condignamente representar a cidade nos tampeonatos nacionais.

«Podesse o meu esforço conjuntamente com o de outros imprimir caracter á mocidade portuguesa». Terminava assim um relatorio que meu Pae apresentou em tempos ao Governo Portuguez, e é assim que eu quero acabar a minha cronica, para que os que me criticaram dessa vez, saiam e aprendam que o verdadeiro sportman trabalha pela causa porque intende que não é com homens fracos que se faz a Patria forte.

Mario Duarte (Filho)

No Club dos Galitos procedeu-se na terça-feira, ás 22 horas, á entrega dos prémios aos vencedores das corridas de natação.

O digno presidente do Club convidou o nosso director a usar da palavra nesta sessão solene, ao que ele accedeu fazendo uma interessante palestra sobre educação física.

Falou tambem o distinto sportman Mario Duarte (Filho). Procedeu-se depois á entrega dos premios aos vencedores, cerimonia singela mas que despertou muito interesse na assistencia.

O Debate apresenta a Mario Duarte (Filho) os aplausos mais sinceros por mais uma interessante prova do seu brilhante temperamento sportivo.

No Domingo, ás 17 horas, realia-se um importante desafio entre os primeiros teams do Club dos Galitos e do Foot-Ball Club de Gaia,

O desastre de Viana

Em favor das familias victimas do desastre

• O DEBATE	ABRE UMA SUBS-CRICO
• O Debate	10\$00
Antonio Vilar	5\$00
Faustino d'Andrade	5\$00
José Migueis	5\$00
José Martins	2\$50
João de Deus Marques Ld.	5\$00
Manuel Abreu	2\$50
Dr. José Barata	5\$00
Dr. Adelino Simão	5\$00
Pompeu Alvarenga	2\$50
Augusto Carvalho dos Reis	3\$00
José Pinheiro Palpista	2\$50
SOMA	53\$00

Em sinal de condolencias foram enviados os seguintes

Telegramas

Presidente da Direcção do Sport Club Vianense

Viana do Castelo

O Club dos Galitos pede a V. Ex.^{ma} se digne apresentar ao Sport Club e á cidade de Viana os seus sentimentos de profunda magua pela catastrophe acontecida acompanhando-os nesse imenso desgosto,

Pompeu Alvarenga

Presidente da Direcção

A redacção de «O Debate», telegrafou á redacção do «Correio do Minho» exprimindo á cidade de Viana a sua magua pela catastrophe.

D. Maria José da Cruz Barbosa

Na Murtosa faleceu ha já alguns dias a sr.^a D. Maria José da Cruz Barbosa extrema mãe dos srs. drs. Carlos e Manuel Barbosa e do nosso prezado amigo e director de O Correio de Aveiro, sr. José Maria Barbosa.

Senhora dotada dos melhores predicados de coração, a sua morte foi geralmente sentida e pranteada por toda a gente que a conhecia. Associamo-nos com muito sentimento á dor que afflige a familia da extincta e em especial queremos apresentar ao nosso prezado colega do Correio de Aveiro o nosso cartão de sentidos pezames.

Caminhos de Ferro

Comboios tramways

A partir de 25 do corrente, o horario dos comboios tramways entre Aveiro e Porto, será o seguinte:

Partidas de Aveiro: 6-50, 7-45, 18 e 19-59. Chegadas a S. Bento, respectivamente, 9-17, 10-38, 20-37 e 22-15. Partidas de S. Bento: 6-20, 14-53, 18-10 e 19-25. Chegadas a Aveiro, 8-40, 17-23, 20-30 e 22-3.

Imprensa

Entrou no segundo ano de publicação o nosso prezado colega de Celorico da Beira, Terra da Beira, dirigido pelo nosso querido e velho amigo dr. Abel Alves Leite, a quem apresentamos os protestos da nossa boa camaradagem.

D. Maria Duarte Silva

Faleceu na semana passada a sr.^a D. Maria dos Santos Duarte Silva, extrema mãe do nosso prezado amigo dr. Antonio Duarte Silva e senhora dotada das melhores qualidades do coração. A toda a familia em lucto especializando aquele nosso querido amigo, apresentamos a sincera expressão do nosso pesar.

Atletico Club Aveirense

Por lamentavel engano, involuntario porém, dissemos num numero passado do nosso jornal que este Club pertencia ao Grupo de Educação Artistica, quando assim não é.

Furões

Vendem-se dois. Dirijam-se a Alipio Ribeiro Junior. Aradas.

As festas da Agonia em Viana do Castelo e uma violenta explosão numa oficina de pirotecnia

As deslumbrantes festas da Agonia na linda cidade do Lima foram tristemente assinaladas. Uma violenta explosão na oficina dos afamados pirotecnicos Manuel da Silva e Filhos roubou a vida a muitas pessoas que ali trabalhavam e causou na cidade um triste movimento de pânico e de dor.

O primeiro de Janeiro, em telegrama de Viana, narrou assim o tristíssimo acontecimento:

Aquella hora ouviu-se enorme estampido, que poz em sobresalto toda a gente e fez estremecer os prédios da cidade.

Em breve, porém, soube-se que tal estampido, bem mais forte do que o detonar de colossal canhão, se produzira no logar de S. João de Agra, distante quatro kilometros de Viana, e fora devido á deflagração de grande porção de dinamite nas oficinas dos conhecidos pirotecnicos Manuel da Silva e Filhos, onde se estavam a dar os últimos retoques no fogo de artifício que devia ser queimado na festa desta noite e na serenata de amanhã.

Nas oficinas encontravam-se a trabalhar uns 15 homens e 5 mulheres. Uma destas, por nome Maria Rodrigues Liquita, quando se deu a brutal explosão; tinha de pedir a uma companheira um bocado de alcrim.

O telhado do edificio foi pelos arca, sendo arremessadas á distancia de muitos metros as madeiras do vigamento, indo alguns bocados parar ao rio, assim como cartuchos e pedaços do fogo de artifício que estava pronto para ser queimado.

A primeira explosão, seguiram-se outras tres, mas de menor intensidade, transformando o edificio que era de pedra e terreo (medindo aproximadamente 60 metros quadrados) num montão de ruínas. O que de pavoroso depois se passou é tarefa difficil tentar pormenorisa-lo.

O pirotecnico Manuel da Silva que ali trabalhava com os seus filhos José Gonçalves Silva, de 23 anos, casado com 5 pequenitos; Manuel Silva Junior, um neto de 12 anos; Manuel Rodrigues Silva e um sobrinho de 11 Antonio Silva fugiu espavorido, gritando a todos os operarios que fugissem tambem. O momento foi tragico e lancinante. Os gritos de dor eram imensos. Alguns dos desgraçados conseguiram realmente abandonar essa verdadeira fornalha e dispersar-se em diferentes direcções.

Nas oficinas de pirotecnia estava em deposito não só o fogo de artifício para as festas da Agonia, que se estão celebrando em Viana do Castelo, como para outras visinhas localidades. Tambem havia lá dentro um razoavel stock de dinamite.

Os prejuizos são avultados, calculam-se em mais de 100 contos. O pirotecnico Manuel Silva fica em precaria situação, pois alem de ter perdido na catastrophe todos os materiaes dos fogos, etc. tambem perdeu uma importante quantia que destinava ao pagamento das ferias ao pessoal e os dinheiros que ontem receberam de varios fornecedores já feitos.

Alucinado por esses factos e pela morte do filho, do neto e do sobrinho, pretendeu suicidar-se, lançando-se ao rio, evitando esse acto de desespero algumas pessoas amigas. Segundo me disseram, projecta-se abrir amanhã em Viana uma subscrição publica para minorar até certo ponto a sorte desse infeliz.

Um secretario de finanças que encerra a sua repartição em dias santificados

No último número d'O Debate, na secção De Palanque, referimo-nos ao facto do chefe da repartição de Finanças de Anadia encerrar a sua repartição em dias santificados, ás 13 horas.

Levantou este nosso protesto uma carta ceulema por parte de alguns funcionarios da direcção de Finanças. Invocando o sentimento da solidariedade, quizerem ver na nossa referencia uma perseguição. Todos os funcionarios das Finanças de Aveiro conhecem as qualidades de tolerancia do director deste jornal e nenhum deles poderia com justiça atribuir-nos sentimentos de ódio e de perseguição. Procurámos simplesmente com aquella nota lamentar que um chefe de repartição, que pode ser trabalhador e honesto no exercicio da sua profissao, por mesquinho sentimento de hostilidade ás leis da Republica, que ele deveria servir com lealdade, dá aos seus subordinados um mau exemplo de subordinação ás mesmas leis. Perseguição não queremos que existam e solidariedades só admitimos as que se fundam num criterio de justiça e de moralidade.

Recusar solidariedade ao honesto criterio da nossa referencia é negar solidariedade ao principio republicano que O Debate atravez de tudo procura ha-de manter.

Para se provar que o nosso jornal se não deixou iludir com informações anónicas e sem fundamento, transcrevemos do nosso prezado colega Noticias de Anadia a seguinte local referente ao mesmo caso:

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DO CONCELHO

De ha muito que a nossa atenção é chamada para o facto de fechar a Repartição de Finanças á 1 hora da tarde de todos os dias que no tempo da monarchia se chamavam dias santos.

Ainda no dia 15 do corrente terça feira, por alcunha dia da Senhora da Saude essa repartição fechou ás 13 horas.

O caso é sintomatico, pois demonstra á evidencia o que para nós não representa novidade: que naquela repartição se não faz caso da Republica, antes pelo contrario, a todo o momento e a pretexto de tudo e de nada ella é desprestigiada, dando-se a circumstancia de serem ali os republicanos tratados com inferioridade em relação aos monarchicos.

Expediente

Vamos mandar á cobrança os recibos das assinaturas do nosso jornal. Querem todos corresponder ao sacrificio material que se faz com a publicação de um jornal? Confiadamente esperamos que todos os nossos assinantes satisfaçam o preço das suas assinaturas, correspondendo assim com dignidade ao esforço honesto que se põe na obra republicana d'O Debate. Preferivel seria que os nossos prezados assinantes mandassem pagar desde já as suas assinaturas, poupando assim muita despeza que se faz com os recibos pelo correio.

OFERECE-SE um homem habilitado para todo o serviço de lavoura. Dirigir carta a esta redação com as iniciais J. M.

A excursão de Aveiro a Viana

No Sá de Miranda

Realisou-se á noite o sarau anunciado, em que o apreciavel grupo scenico dos Galitos levava á scena a encantadora peça policial norte-americana «20.000 dollars». O espectáculo agradou plenamente. O seu desempenho é simplesmente admiravel. Andam em tournées pela provincia companhias profissionais reclamadas por grossas letras, que lhes ficam muito áquem. E logo no final do 1.º acto as palmas e os vivas prolongaram-se duma maneira nunca vista. O sr. dr. José Barata, agradeceu num belo improviso cheio de eloquencia, aquella manifestação justissima. E o entusiasmo até ao fim do espectáculo foi assombroso. As senhoras acenando, das frizas e dos camarotes, com leaços, a plateia vibrando unisona em vivas e palmas, chegaram ao delirio. De novo o sr. dr. José Barata agradeceu da friza da auctoridade e todos saíram satisfeitos com a bela apresentação do grupo scenico, que é na verdade o que de melhor temos visto em amadores.

No Jardim

A Banda José Estevão tocou alguns numeros no jardim publico á uma hora da tarde, encontrando-se no local pouca gente, porque desconheciam como tal esse numero do programa. Pena foi que não o tivessem anunciado, pois que dado o valor da afamada banda teria concorrido muita gente ao local.

No final do concerto, num gesto verdadeiramente leal o sr. Inacio Costa, dig.º chefe da banda de Infantaria 3, foi abraçar o chefe da banda José Estevão, pela proficiencia com que dirigia a musica.

Registamos com prazer este gesto porque foi uma asseveração incontestavel do justo valor da Banda que nos visitou.

Do «Correio de Minho»:

Á noite tivemos então, no Sá de Miranda, que estava ornamentado com varias e lindas peças de vestuario da região, a recita do «Grupo Scenico do Club dos Galitos», com a interpretação da bela peça em 3 actos e um quadro, «20.000 dollars».

O Teatro encheu-se e o desempenho agradou em cheio a toda a assistencia. Já vimos a peça ha bastantes anos pela Companhia do Nacional e se nessa epoca ficamos com excelentes impressões da interpretação, agora acontecera-nos outro tanto.

Em todos os finais do acto, o «Grupo Scenico dos Galitos» foi alvo das mais delirantes orações a que temos assistido, e já vamos nos 43 anos de idade. O publico, nas frisas e nos camarotes de 1.º e 2.º ordem, e na plateia, levantava-se e, agitando freneticamente lenços brancos e chapéus, saltava ao mesmo tempo vibrantissimos vivas, hurrás e bravos! O delirio, neste momento solene, attingiu o rubro! Toda a gente se sentiu como que electrisada por uma misteriosa força magnetica, tal a grandeza e vivacidade das aclamações.

O final, depois de discursos sinceros e inflamados e da oferta de uma linda e artistica palma oferecida ao Club dos Galitos pelas casas de caridade da nossa terra, para o que foram ao palco membros das Direcções e Mesas desses mesmos estabelecimentos de beneficencia, constituiu uma autentica apoteose, devendo ter deixado no espirito dos nossos illustres hospedes e no de todos os vianenses que assistiram, recordações memoraveis.

A banda e orquestra «José Estevão» tomaram parte no espectáculo, compartilhando dos aplausos e de todas as manifestações de simpatia dispensadas aos aveirenses, que, como dissemos, foram em toda a parte delirantes.

Da «Voz Republicana»

«O DEBATE», atravez do Districto

BARRA DE AVEIRO, 31-7-922.

Movimento da Barra durante o mez corrente:

Em 13, entrada do caíque «S. João», de Cezimbra com carregamento de carapau; em 16, entrada do caíque «Adelaide», de Leixões, com lastro; caíque «S. José», de Viana, vasio; chalupa «Velo», do Porto, vasio e iate «Ligeiro», do Porto com lastro; em 19, saída do iate «Rio Arade» com sal para o Porto; em 20, saída do caíque «S. José», com sal para a Vila do Conde e chalupa «Velo» com sal para o Porto; em 21, saída dos caíques «Adelaide» com sal para Leixões e «S. João» com sal para Peniche, e entrada do vapor «Catolina» com petroleo; em 23, saída para Leixões do vapor «Catolina»; em 26, saída para Lisboa de um varino, com madeira; em 28, saída para Lisboa de um varino, com madeira; em 31, entrada do caíque «S. José, vasio.

M. P. Vinagre.

PERRAES 7-8-922.

Continuam os preparativos para os grandes festejos que se vão realizar no fim deste mes. A comissão não se poupa a trabalhos, adoptando medidas energicas para o bom desempenho a que se dedicou. Tudo causa admiração e prazer, visto nestas paragens, nunca haver festas tão deslumbrantes como as que se estão para fazer. O povo radiante espera ansioso esses dias para dizer da sua justiça e para apreciar o que ha de melhor nas nossas terrinhas. Daqui lhe manifesto a minha simpatia por tão grandes ideas e presto homenagem aos arrojados iniciadores, que, em prol do desenvolvimento regional, aspiram melhores feitorias. Bem haja!

Com aprazível resultado, fizeram exame de admissão ao Liceu: Amandio Gomes, de Ois da Ribeira e Antonio L. Mouta da Giesta assinante de o «Debate», ficando ambos admitidos.

Aos seus pais, os nossos parabens, pelo brilhante aproveitamento.

Já ha tempo nos referimos, em termos honrosos, ao nosso prestimoso amigo Joaquim M. Duarte que, pela maneira de proceder e pela norma da sua conduta; tem sabido captar a estima de todos quantos o visitam, trabalhando afanosamente no bom desempenho da sua arte.

Que todos se compenctrem dos deveres que teem a cumprilhando suavemente para o seu interessante chalet que anda a construir e que enlora os olhos de todos, ainda os mais indiferentes. Depois de estar assente na sua nova morada, produzirá ainda mais, porque o seu caracter é firme, é átivo e é empreendedor. Honra-se a nossa presença, com tão bons predicados de rapaz folgazão.

Os calores excessivos teem prejudicado as lavouras que se acham resequidas e os vinhos, que as moléstias teem atacado, tambem teem sido queimadas. E de notar, pouca produção, o que concorrerá para maior carestia da vida, o que é lamentavel.

Teve a sua feliz «delivrança» a sr.ª D. Elisa de Matos Soares, esposa do sr. Julio Soares, comerciante.

Mãe e filho encontram-se bem. Os nossos parabens.

Passa amanhã o seu aniversario natalicio a sr.ª D. Rosa Cruzeiro Natal, dileta esposa do nosso amigo Abel Natal, residente em Lisboa. Os nossos cumprimentos de estima.

E'ditos

2.ª publicação

Por este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm editos de 30 dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando os interessados Manoel Garrêlhas, Antonio Garrêlhas, solteiros, maiores e Manoel Maria Garrêlhas, solteiro, menor pubere, todos ausentes em parte incerta do Brazil para os termos do inventario orfanologico, por obito de seu avô João das Neves.

Francisco Bois & C.

Vendem generos de mercearia, artigos de drogaria fina e águas minerais.

Visitem este novo estabelecimento que vende tudo a preços moderados.

RUA JOSÉ ESTEVAM, 12—AVEIRO

Colégio Português AVEIRO

Neste colégio, situado num dos pontos mais centrais da cidade, obedecendo a todos os preceitos da hygiene escolar e pedagogica, com esplendidas instalações eléctricas, professam-se os cursos: de instrução primaria, todas as disciplinas do curso geral e complementar dos liceus (letras e ciencias), com inglês ou alemão; cursos singulares para todas as disciplinas, incluindo a lingua alemã; arte applicada, bordados, rendas, pintura, desenho, flores e plano. Corpo docente devidamente diplomado e habilitado.

Recebe alunas para frequentar o Liceu e Escola Primaria Superior.

ves, viuvo, morador, que foi, na Gafanha da Encarnação, lhavo.

Aveiro, 1 de Agosto de 1922.

Verifiquei:

O Juiz substituto,

Alvaro d'Eça

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Agencia de passagens e passaportes

Trata

Valentim de Oliveira Machado